

O CONTO E O RECONTO E SUA CONTRIBUIÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE

Maria Aline da Silva

Graduanda do curso de Pedagogia da FECLESC-UECE

Antonio Marcelo Pereira Sousa

Graduando do curso de Pedagogia da FECLESC-UECE

RESUMO: A contação de histórias é considerada um procedimento milenar, pela qual ao longo da história o homem se utiliza dela para deixar inscrita sua própria história. Diante disso, o presente trabalho, embasado teoricamente nos escritos de Freitas e Silva, tem como objetivo discutir a evolução e o contexto histórico da contação de história, as funções que foi assumindo ao longo do tempo e sua contribuição no processo de ensino e aprendizagem. O trabalho é resultado de uma pesquisa realizada em torno da contação de história e do reconto em sala de aula, no contexto da Educação Infantil, e tem como pressuposto que a relação entre o conto e o reconto contribuem para o desenvolvimento da oralidade. A fim de constatar tal problemática, utilizaremos como metodologia o método Pesquisa Experimental, pelo qual buscaremos alcançar os resultados almejados nessa pesquisa, que se constitui em averiguar se há ou não a contribuição da relação conto e reconto de história no processo de desenvolvimento da oralidade, principalmente no que se refere à expansão vocabular e o aperfeiçoamento da expressão.

Palavras-chaves: Contação de história, oralidade e expansão vocabular.

1-APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa a respeito da prática da contação de história e do reconto em sala de aula, no contexto da Educação Infantil, que busca realizar uma reflexão em torno da contribuição desse processo para o desenvolvimento da oralidade, como também abordar a sua evolução e as funções que vem assumindo no decorrer da história.

Diante da problemática apresentada, propomos por meio do método Pesquisa Experimental constatar a estreita relação que há entre contação e oralidade no processo de ensino-aprendizagem dos indivíduos abordados nessa pesquisa, através de questionários e o experimento propriamente dito. Trata-se, portanto, de um estudo no qual, nos baseando na prática do conto e do reconto, procuraremos analisar a contribuição dessa relação.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. A contação de histórias e sua evolução histórica

A contação de histórias se constitui como procedimento milenar, pela qual o homem se utilizou e se utilizar até hoje para deixar e inscrever sua história e manter vivo seus ideais, valores, vivências. Através dela é possível que haja a expressão e a representação e não só do vivido, mas também do imaginário.

Ao longo da história é possível percebermos diversas formas inventadas pelo homem para contar suas histórias. A primeira delas são as pictografias¹, que serviam de registros das atividades cotidianas da sociedade primitiva, isto é, retratavam as experiências vividas. A partir de então e principalmente com a aquisição da linguagem, surgem outras formas de contar, nascidas da transmissão oral dos saberes, necessidades e vivências do povo, são elas o mito, a lenda, a fábula, o conto, entre outros.

Segundo alguns escritos, não cronologicamente, se sabem ao certo quando se deu o início de contar história, entretanto é possível perceber sua presença durante toda a história da humanidade.

Nas primeiras formas de organização social, mais precisamente na Idade Antiga, era o chefe da tribo, o pajé ou xamã, o responsável por contar os mitos (as histórias) aos membros das comunidades. Estes se relacionavam aos rituais ou mistérios iniciativos da sociedade primitiva, nos quais o jovem tinha que se submeter ao integralismo social. Neste modo de transmissão oral predominava função religiosa, na qual utilizava contação para manter vivos os seus ensinamentos, mas também como fins de entretenimento.

Anterior a tradição escrita, a contação de história e sua evolução acompanha as invenções e transformações econômicas e sociais presente no decorrer da história. Tais mudanças fizeram com que a prática do contar fosse cedendo espaço para a leitura oral de histórias. O marco dessa mudança teve início no século XV com a invenção da imprensa escrita por Gutenberg, onde a escrita passou a ter predomínio sobre as práticas orais de contar histórias. E tomando proporções maiores com a difusão da literatura infantil, no século XVIII. Esse período, conforme Freitas (2002) é um período de grandes transformações, no qual ocorre “a expansão da produção de livros, a consolidação da burguesia como classe social, a obrigatoriedade da educação para as crianças e o surgimento de um novo conceito de crianças e infância”.

Essas transformações acabaram favorecendo o aparecimento de uma vasta literatura destinada a infância, onde as narrativas primitivas do ato de contar foram sendo recolhidas da memória popular, recriadas e publicadas. Os contos de fadas,

¹ Desenhos feitos nas cavernas pelos homens primitivos.

fábulas e as lendas, conforme Freitas (2002) foram as primeiras narrativas a fazerem parte do repertório de obras publicadas dirigidas as crianças. Nesse processo, deu-se a transformação do oral para o escrito, concretizando em 1697, com Charles Perrault, que reuniu diversos contos da tradição oral, e os publicou para os adultos. Só depois eles foram adaptados para as crianças.

Além de Perrault, outros escritores despertaram o interesse dos adultos pelos contos maravilhosos, como é o caso, por exemplo, dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, grandes filólogos e folcloristas, que recolheram na memória popular, antigos contos e lendas, além de Hans Christian Andersen, consagrado como verdadeiro pai da literatura infantil.

Diante do exposto, podemos dizer que no decorrer da história os contos sofreram duas transformações importantes: a transposição da modalidade oral, espontânea, para a modalidade escrita, e as adaptações de um público de leitores adultos para um público leitor infantil.

Contudo, apesar do grande avanço que foi a linguagem escrita na história, esta passou a ter predomínio sobre as práticas orais de contar histórias de tal forma que acabou-se relegando esta prática tão antiga como o próprio homem, a um segundo plano, passando a ser vista como inferior uma vez que provinha e circulava entre a classe popular. A escrita passou a ser um bem da elite, enquanto o gênero oral pertencia às classes sociais abastadas. Com o surgimento do livro então, deu-se muito mais importância a essa novidade do que a prática arcaica de contar. Em suma: a contação de histórias foi substituída pela a atividade de leitura oral.

Apesar da contação oral por muito tempo ter sido considerada inferior por ser disseminada no interior da classe abastada, não podemos esquecer que ela é imprescindível para o desenvolvimento da linguagem, principalmente no desenvolvimento da oralidade de crianças da educação infantil.

A linguagem oral é o primeiro contato das crianças com o mundo linguístico. Ao iniciar o processo de alfabetização, a criança já possui um vasto contato com este universo, adquirido por meio da convivência com os falantes que a cerca.

No contexto brasileiro, segundo Gomes (1999), “o ressurgir da contação de histórias como evento de oralidade começa a ocorrer em 1950, por meio de movimento de professores no Rio de Janeiro, visando difundir o contar histórias como procedimento pedagógico”, citado por (FREITAS, 2002, p. 43).

É exatamente nessa dimensão – não que desconsideremos sua função de entretenimento e ludicidade – que desenvolveremos a nossa pesquisa. Escolhendo como

objeto de estudo a contação de histórias e o reconto, objetivamos demonstrar que tais processos podem promover o desenvolvimento cognitivo, principalmente no que se refere à expansão vocabular, o aperfeiçoamento da expressão oral, a capacidade de ordenar os fatos, dentre outros. Tal como afirma Palo e Oliveira (1986, p. 9), “contar histórias para crianças sempre expressou um ato de linguagem de representação do real direcionado para a aquisição de modelos linguísticos”, citado por (FREITAS, 2002, p. 41).

A ideia de realizar uma pesquisa sobre contação de história se deu em razão do aparente interesse que as crianças têm em ouvir histórias. Entretanto, vale salientar que o interesse das crianças não é apenas em ouvir qualquer história, mas aquelas onde se instigue o seu poder de imaginação e haja elementos imaginações (bruxas, fadas, princesas etc.), principalmente quando são histórias que já conhecem.

Diante disso, nossa pesquisa terá como foco o gênero conto infantil, o qual dentro da literatura se constitui dentre muitas outras como a modalidade que mais agrada ao público infantil, exatamente por possuir esse caráter imaginativo, proporcionando a criança o processo de suspensão do real.

2.2. Método de pesquisa

Entendendo a contação de história e o reconto como eventos que contribuem para o desenvolvimento da oralidade, principalmente no que se referente à expansão vocabular e a expressão oral das crianças, nosso trabalho se utilizará do método Pesquisa Experimental, a fim de constatar tal contribuição.

Os estudos experimentais na educação foram por muito tempo considerados muito importantes, entretanto, atualmente, são duramente criticadas especialmente porque as teorias que os apoiavam, de bases fundamentalmente positivistas, estão não só revisadas, mas também questionadas em sua validade científica.

A Pesquisa Experimental pode ser aplicada em qualquer área do conhecimento ligada às ciências físicas e naturais, e tem como objetivo trabalhar com situações ou realidades submetidas a alguma espécie de controle, sendo que os pesquisadores controlam as condições que irão prevalecer na investigação. O controle se constitui como o aspecto central e é uma característica própria desse método. Este deverá ser composto por dois grupos, contendo mais de um sujeito: o grupo experimental e o grupo de controle, onde os resultados são submetidos à observação, a análise e a comparação dos resultados.

Através desse método, a presente pesquisa pretende constatar a seguinte problemática: qual a contribuição da contação de história e o recontar para o desenvolvimento cognitivo da criança, principalmente no processo de aquisição da oralidade?

Buscando constatar essa problemática, estruturaremos a nossa pesquisa em três fases:

1ª fase: Questionário com professores;

2ª fase: Experimento;

3ª fase: Apresentação e análise dos dados.

As fases supracitadas acontecerão da forma descrita a seguir:

- Na primeira fase será realizado um questionário com dois professores de Educação Infantil a cerca da prática da contação de contos em sala de aula;
- Na segunda fase, após analisarmos os dados adquiridos através do questionário, realizaremos o experimento, o qual será dividido nos momentos apresentados a seguir:
 - formação de dois grupos de crianças (os grupos serão chamados no decorrer dessa pesquisa de grupo de experimento e grupo de controle), os quais terão dois integrantes;
 - coleta dos contos infantis conhecidos pelos dois grupos;
 - escolha, a partir do resultado da coleta, de um conto para a contação;
 - realização da contação do conto para o grupo de experimento;
 - solicitação do reconto do mesmo pelo grupo;
 - ao grupo de controle, a partir da coleta de dados realizada anteriormente, solicitaremos uma contação de um conto;
 - por fim, concluindo essa fase, solicitaremos a produção de um desenho livre referente ao conto trabalhado para os dois grupos.
- Na terceira fase da pesquisa, será realizada a apresentação e análise dos dados obtidos com o experimento.

3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1. Questionário

De acordo com o questionário realizado com professores da Educação Infantil pudemos observar que se dispõe de práticas de leitura, na qual se utilizam de inúmeros

recursos, que vão de livros a computadores. No entanto, não tomando como realidade geral, a contação de histórias é rara, isso quando existe nas salas de aula. Todavia, no que diz respeito à diferenciação do contar e o ler histórias, os professores demonstraram entender a diferenciação entre essas duas práticas, nas quais condiz com o conceito trazido por Freitas (2002): “na contação de histórias, ocorre a apresentação de um texto dito de memória, uma vez que o sujeito que verbaliza tem a intenção de contar. Na leitura oral, o sujeito verbaliza o texto da escrito em sua íntegra” (p.42).

Tomando por base esse questionário, pudemos constatar, ainda, que os professores consideram a prática da contação de história como sendo um importante instrumento que possibilita o desenvolvimento da criança, principalmente no que se refere aos aspectos da ampliação das capacidades comunicativas, como expressar-se e relacionar-se com o meio ao qual está inserido.

No entanto, percebemos que esta é uma prática ainda pouco desenvolvida na sala de aula, uma vez que carece de uma melhor preparação por parte dos professores, como por exemplo, um estudo anterior do que se vai contar, uma memorização do conto, além de outros aspectos como criatividade e expressão corporal. Diante disso, os professores acabam optando por realizar a leitura de histórias, ao invés da prática de contação.

3.2. Experimento

Para realizar a pesquisa nos utilizamos do método Pesquisa Experimental, no qual através do experimento buscamos constatar a nossa hipótese de que a contação de história, como também o seu reconto são práticas que contribuem para o desenvolvimento de oralidade, principalmente no que se refere a expansão vocabular e a expressão oral.

Nossa pesquisa, como explicitado anteriormente, foi desenvolvida em três fases: questionário, experimento (contação e reconto) e produção de um desenho sobre a contação e terá como foco crianças da Educação Infantil II, com faixa etária de cinco anos.

Na fase do experimento, sobre o qual discorreremos nesse item, inicialmente realizamos uma coleta de dados para a escolha da história a ser trabalhada. Para isso, utilizamo-nos de um diálogo bem informal com as crianças, com intuito de deixá-las à vontade. Em uma roda de conversa, falamos sobre as histórias que elas já conheciam e, que mais gostavam. Foram mencionadas varias histórias, como *A Branca de Neve e os*

Sete Anões, Cinderela, A Bela Adormecida, entre outras. A história que mais foi enfatizada por todas foi *Os Três Porquinhos*, que foi, então, escolhida para o experimento.

Posteriormente formamos dois grupos cada grupo com dois integrantes, escolhidos aleatoriamente. Os grupos serão denominados de grupo experimental, no realizamos o experimento e de grupo de controle, no qual não foi aplicada nenhuma variável. Em cada grupo trabalhamos coletivamente (contação, roda de conversa) e depois individualmente, para que a fala de um indivíduo não interferisse na fala do outro.

No grupo de experimento realizamos a contação da história escolhida – Os Três Porquinhos. Após a contação, individualmente pedimos que eles recontassem a história. No grupo de controle, utilizamos a mesma história, porém não houve a aplicação da variável, contação de história. Apenas foi solicitado que recontassem a história.

Em primeira instância, podemos dizer que, tanto as crianças que participaram do experimento quanto às crianças do grupo de controle, conheciam a história. Estratégia que foi de extrema importância, uma vez que, essa pesquisa procura entender a relação da criança com o recontar.

De início pudemos notar a concentração, a atenção e o interesse que as crianças tinham nesse momento, aspectos que, segundo Silva (2007), precisam ser desenvolvidos, ser pensados pelo educador infantil, “pois tem relação com a preparação dos ouvintes antes de iniciar a narração ou a leitura da história” (p. 70). Pensando nisso, procuramos tornar a história o mais atrativa possível, contando-a com entonação, espontaneidade.

Foi possível perceber que os indivíduos do grupo experimental ao recontarem a história, o fizeram de forma mais sistemática, ou seja, houve uma sequência lógica (começo, meio e fim), não se esquecendo de nenhum detalhe da história. Assim, pudemos notar que houve uma compreensão da mesma, de forma que, por via oral, eles conseguiram se expressar. Foi notável, também, o acréscimo vocabular na sua fala. Utilizaram expressões que foram “ênfatizadas” na contação, como por exemplo: *a casa de tijolo era forte, o lobo caiu roxo no chão, soprou, soprou, até a casa cair*, entre outras. Percebemos também a presença de palavras adquiridas em outras experiências de contação, como *caldeirão* (na contação utilizamos bacia de água quente). Esse acontecimento é, pois, um ponto de extrema importância na constatação da problemática, no sentido de que as crianças conseqüentemente apreendem e

internalizam essas palavras no seu vocábulo e ao serem solicitada a repetir a história aprende de forma significativa e prazerosa.

Já no grupo de controle, no qual apenas solicitamos o reconto, essa sequência lógica não é percebida. Os indivíduos recontaram a história de forma fragmentada, esquecendo-se de fatos importantes, que muitas vezes não caracterizada a história, além de acrescentarem fatos de outras histórias, como por exemplo: *ai a Cinderela perdeu o sapatinho*, falado no decorrer do reconto.

Diante disso, pode-se dizer que os resultados almejados nessa pesquisa foram obtidos de forma satisfatória. Nossa hipótese inicial, de que a contação e o reconto são práticas que contribuem para o desenvolvimento da oralidade, principalmente no que se refere à expansão vocabular e expressão oral, foi confirmada.

3.3. Produção a partir da contação de história

A produção de desenhos a partir da contação de história é o último momento da segundo fase dessa pesquisa, e contribuiu também para identificarmos que realmente houve uma compreensão da história, de modo que essa foi a concretização da experiência vivida.

Tomando por base as produções de desenhos das crianças, podemos tirar algumas conclusões. A primeira seria que, as crianças que tiveram a experiência da contação, ou seja, do grupo de experimento, conseguiram retratar a história contada (*Os Três Porquinhos*) com maior número de detalhes. Na produção 1, foi possível perceber a sistematização do desenho: o indivíduo desenhou os três porquinhos com as suas respectivas casas, lembrando de desenhar a chaminé na casa de tijolo e o lobo.

Já no grupo de controle, no qual não houve a contação, os indivíduos utilizando-se apenas do que sabiam previamente, produziram seus desenhos, porém é perceptível que o desenho não caracteriza a história (produção 2).

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto, podemos constatar que, ao longo da história, a contação, num processo de avanços e recuos, vem assumindo funções diferenciadas e está aos poucos se perpetuando no contexto da educação infantil. Com essa pesquisa, mostramos que o contar história tem importância fundamental, tanto no que se refere ao lúdico quanto no que se refere à função pedagógica.

Consideramos que, de fato, a contação de história é uma estratégia eficaz no desenvolvimento da linguagem oral, ajudando a criança a expressar-se melhor e, ainda, possibilitando uma expansão do seu vocabulário, auxiliando assim, no processo de comunicação da criança. Nesse sentido, a contação de histórias, no ambiente escolar, pode ser um belo instrumento educacional para a formação de cidadãos críticos, leitores e para a ampliação do repertório cultural de alunos e também de professores, que poderão encontrar na arte de contar de ouvir histórias, um meio criativo para ler e escrever o mundo.

Por fim creditamos que, ampliar o repertório de títulos, diversificar as formas de contar, proporcionar momentos em que as crianças contem as histórias poderá auxiliá-las ainda mais no processo de desenvolvimento da oralidade. Se fazendo, por meio disso, um estímulo da fantasia e da imaginação bem como desenvolver ainda mais o gosto e os procedimentos necessários pela própria contação.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREITAS, Alessandra Cardozo de. **Os filhos da carochinha: a contribuição da literatura na estruturação da linguagem em crianças de educação infantil.** Rio Grande do Norte: UFRN, 2002.

SILVA, Socorro Silva. **Quem conta um aumenta um ponto? Literatura infantil e oralidade.** Fortaleza, UECE, 2007.